



A sinodalidade como kairós

Uma perspectiva agostiniana

Ariccia, 10 de outubro de 2025

*Encontro de formação permanente
da Ordem dos Agostinianos Recoletos*
Jubileu da Vida Consagrada



A sinodalidade como kairós

Uma perspectiva agostiniana

Ariccia, 10 de outubro de 2025

Encontro de formação permanente da Ordem dos Agostinianos Recoletos
Jubileu da Vida Consagrada

1. Introdução

Dois termos gregos resumem perfeitamente os tempos que estamos vivendo.

1. *Krisis* (momento de profunda mudança, opção e decisão)

O *Documento final* do Sínodo afirma, de forma categórica, que “a vida consagrada é chamada a interpelar a Igreja e a sociedade com sua voz profética” (Francisco – XVI Assembleia Ordinária do Sínodo dos Bispos, *Documento final da Segunda Sessão*, outubro de 2024, n. 65). Creio que, frequentemente, a *crise* dos religiosos em geral e dos agostinianos em particular responde a três exigências: coerência, credibilidade e visibilidade.

- *Coerência*: não se trata apenas de citar Santo Agostinho em nossos documentos, discursos e homilias; nem de multiplicar declarações retóricas que abundam em lugares comuns que pouco nos envolvem. Trata-se de assumir a experiência vital e espiritual de Agostinho; de viver, em toda a sua radicalidade, o carisma da Ordem. E fazê-lo no contexto particular, ou seja, na realidade concreta temporal, geográfica e cultural.
- *Credibilidade*: a vida religiosa agostiniana, sempre entendida como realidade eclesial, nos vincula ao dinamismo das origens e nos impulsiona para um futuro de significado e esperança. Ou seja, ela se apresenta como alternativa aos problemas, necessidades e desafios do mundo de hoje. Não vivamos das glórias do passado (aliás: nunca se pode voltar ao passado), sejamos fermento vivo no presente. Não se trata de nostalgia, mas de entusiasmo.
- *Visibilidade*: a espiritualidade agostiniana não se realiza na “*fuga mundi*”, mas se insere nela. Os agostinianos, desde as origens, vão para as cidades e assumem uma pastoral variada com as pessoas e entre as pessoas. É preciso superar a tentação do isolamento (autorreferencialidade, para usar o termo do Papa Francisco) e optar pela presença e pela visibilidade.

2. *Kairós* (tempo de graça, fortuna, risco e oportunidade única e irrepetível)

Nos últimos tempos, o Senhor respondeu às nossas petições, às nossas orações, com o *processo sinodal na Igreja*: Ele nos pede envolvimento, assumindo a enorme oportunidade de renovação que isso representa. Como assumimos esse dom? Como respondemos?

“Tocamos a flauta, e vocês não dançaram; entoamos lamentações, e vocês não choraram”. [...] “Ai de você, Corozaim, ai de você, Betsaida! Se em Tiro e em Sidônia tivessem sido feitos os milagres que foram feitos em vocês, há muito tempo já teriam se convertido” (Mt 11,17.21).

Jesus nos dá a chave: “Eu te dou graças, Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos. Sim, Pai, assim te aprouve” (Mt 11, 25-26). O ponto de partida é, sem dúvida, a humildade.

2. Ser canal, não muro

Já na sua primeira saudação ao Povo de Deus, o Papa Leão XIV afirmou categoricamente: “queremos ser uma Igreja sinodal”. E referiu-se à sinodalidade em muitas ocasiões. Gostaria de recordar a homilia durante a Vigília de Pentecostes, em 7 de junho de 2025: “Na tarde da minha eleição, olhando com emoção para o povo de Deus aqui presente, lembrei-me da palavra ‘sinodalidade’, que expressa felizmente o modo como o Espírito modela a Igreja. Nessa palavra ressoa o *syn* — que significa com — que constitui o segredo da vida de Deus. Deus não é solidão. [...] Ao mesmo tempo, a sinodalidade nos lembra o caminho — odós — porque onde está o Espírito há movimento, há caminho. Somos um povo em caminho”. O que está em jogo é a comunhão e o dinamismo.

2.1. Erros e preconceitos

Não compreender bem a sinodalidade tem consequências decisivas: em vez de sermos canal da graça de Deus, podemos ser um muro que a bloqueia para nós mesmos e para os outros.

- Alguns problemas vêm da ideologização e da polarização. Eles têm pouco de cristão. Seria bom que essas pessoas refletissem sobre a caridade como eixo da vida cristã.
- Outros provêm de uma compreensão deficiente do que é a sinodalidade. Não nos guiamos por preconceitos (clericalistas) nem por falsas ilusões (assembleístas), e muito menos por ideologias estranhas, mas pelo Evangelho e pela Tradição, deixando-nos iluminar pelo Magistério (a este respeito, cf. Comissão Teológica Internacional, *A sinodalidade na vida e na missão da Igreja*, Vaticano 2018).
- Outros problemas, enfim, vêm do medo e da comodidade. Não estamos dispostos a assumir o que a sinodalidade implica. E apresentamos desculpas: “não é necessário”; “sempre foi assim”; “o Sínodo já terminou”. A sinodalidade é uma dimensão constitutiva da Igreja, remete-nos ao que a Igreja é em si mesma.

Sinodalidade é aprofundar a comunhão com Cristo e com os irmãos; desenvolver o envolvimento e a corresponsabilidade na variedade de vocações, carismas e ministérios; impulsionar a missão compartilhada no mundo de hoje. Não termina.

2.2. Conversão

A Igreja sinodal não existe sem conversão espiritual. Uma espiritualidade sinodal brota da ação do Espírito Santo e exige a escuta da Palavra de Deus, a contemplação, o silêncio e a conversão do coração.

O *Documento Final* nos fala de conversão. E todo o processo insistiu nisso: conversão a Cristo, experiência de Cristo, transformação em Cristo. E sua estrutura nos oferece uma síntese preciosa: Parte I. Chamados pelo Espírito Santo à conversão; Parte II. A conversão das relações; Parte III. A conversão dos processos; Parte IV. A conversão dos vínculos; Parte V. Formar um povo de discípulos missionários.

- Conversão à santidade

A sinodalidade tem como objetivo a coerência e a santidade na Igreja. Deve ficar claro que a Igreja sinodal é a única Igreja, a do Senhor Jesus. *Lumen gentium* (LG) nos lembra, em primeiro lugar, que todos os que acreditam em Cristo, qualquer que seja seu estado ou condição, são chamados à plenitude da vida cristã e à perfeição da caridade e, em segundo lugar, que essa santidade promove na própria sociedade terrena um nível de vida mais humano. A santidade da Igreja manifesta-se nos frutos da graça que o Espírito produz nos fiéis; portanto, ela se expressa de diversas formas em cada um daqueles que se esforçam por alcançar a caridade perfeita em sua própria vida e assim edificam os outros. Por isso, nos diversos estados de vida e nas diversas tarefas, cultua-se uma única santidade por parte daqueles que são movidos pelo Espírito de Deus¹.

- A conversão relacional

Somente se olharmos para o Evangelho podemos traçar o mapa da conversão que nos é pedida, aprendendo a fazer nossas as atitudes de Jesus (cf. n. 50). E aqui se abre um tema ao qual o *Documento final* dedica especial atenção: a conversão relacional. Devemos aprender com o Evangelho “que o cuidado das relações não é uma estratégia ou uma ferramenta para uma maior eficácia organizacional, mas é a forma como Deus Pai se revelou em Jesus e no Espírito. Quando nossas relações, mesmo em sua fragilidade, deixam transparecer a graça de Cristo, o amor do Pai e a comunhão do Espírito, confessamos com nossa vida a fé no Deus Trino e Único” (*ibid.*).

2.3. Quatro princípios

Gostaria de recordar os quatro princípios (cf. Francisco, *Evangelii gaudium*, 222-237) que, aplicados ao processo sinodal, podem nos iluminar como chaves de interpretação e ajudar nos trabalhos do Capítulo:

- *O todo é superior à parte*: pensamos em processos e não em eventos desconectados. Por isso, a sinodalidade não se limita e se resolve apenas no Sínodo dos Bispos. Ela aparece como uma dimensão da Igreja, que não tem fim.

¹ Cf. LG, 39-41.

- *O tempo é superior ao espaço*: trata-se de trabalhar a longo prazo, sem se obsessar com resultados imediatos. A colheita depende do Senhor; a nós é pedido que semeemos com generosidade, constância e alegria.
- *A unidade prevalece sobre o conflito*: o conflito não deve ser ignorado ou dissimulado, mas assumido, sem ficarmos presos nele. Pelo discernimento comunitário, à luz do Espírito, pode-se desenvolver uma comunhão nas diferenças. Unidade pluriforme.
- *A realidade é mais importante do que a ideia*: a ideia não termina separada da realidade, mas concretiza-se nela. O processo sinodal define-se na tomada de decisões, nas opções concretas a todos os níveis. A Palavra encarna-se e põe-se em prática.

3. Chaves sinodais

3.1. Batismo

Retomando a eclesiologia do Concílio Vaticano II (cf. *Lumen gentium* e *Gaudium et spes*), devemos insistir que o sacramento fundamental não é a Ordem, mas o Batismo.

- Pelo Batismo, nos tornamos semelhantes a Cristo. Podemos fazer referência à teologia agostiniana do Cristo Total (*Totus Christus*), onde a Igreja se nos apresenta como o Corpo de Cristo unido à Cabeça e que são, em sua união, o único Cristo (cf. Santo Agostinho, *Sermão* 341,11; 137,1).
- Não há dignidade mais elevada do que ser filhos de Deus (*Documento final*, n. 21). Ao assumirmos o Batismo como sacramento básico e ao contemplarmos a partir dele as funções e os ministérios na Igreja, integramos em harmonia a igualdade e a pluralidade, superando toda tentação tanto piramidal, clericalista e de poder, como esférica, assemblear e uniforme:

3.2. Povo de Deus

- O Batismo nos constitui como Povo de Deus. A Igreja é Povo de Deus; todos somos Povo de Deus (não apenas os leigos). Há uma solidariedade, uma interdependência, uma participação. Lembremo-nos de que “ninguém se salva sozinho”. Ou de que “para vós sou bispo, convosco sou cristão” (Santo Agostinho, *Sermão* 340,1).
- Por isso, o ministério ordenado não pode ser concebido como o sacerdócio levítico (retirado do povo e elevado), mas no povo, do qual faz parte e ao qual serve. Devemos desenvolver a dimensão do serviço, que é o que significa o ministério.

3.3. Vocações e carismas

A Igreja expressa a beleza de seu rosto multiforme (cf. São João Paulo II, *Novo millennio ineunte*, 40). Daqui tiramos duas consequências.

- Em primeiro lugar, cada pessoa conserva sua peculiaridade pessoal, não se anula quando se integra cordialmente a uma comunidade (cf. Francisco, *Evangelii Gaudium*, 235).
- E, em segundo lugar, o processo sinodal não significa invalidar a realidade hierárquica da Igreja. Nem se anulam as vocações (leiga, sacerdotal, religiosa...), carismas ou ministérios, mas sim se potenciam e se inter-relacionam. "A harmonia criada pelo Espírito não é uniformidade e todo dom eclesial está destinado à edificação comum" (*Documento final*, n. 26).

Temos a bela imagem da Igreja como *Família de Deus*, de referência agostiniana: unidade no amor, integração da variedade, orientação para o bem comum.

4. A espiritualidade agostiniana como referência sinodal

4.1. Espiritualidade agostiniana, nitidamente sinodal.

- *Comunhão.* A missão da Igreja é buscar e percorrer caminhos de comunhão, que encontra seu modelo no mistério da Trindade. O Papa Leão XIV insiste muito nisso. Agostinho situa a tarefa de realizar o princípio da "*anima una et cor unum in Deum*" (*Regra* 1,3) e de testemunhá-lo. A comunhão na Igreja não se apresenta como uniformidade, mas como unidade na diversidade dos carismas. O carisma específico de cada um deve estar sempre a serviço dos outros, para que, por meio dele, todos desfrutem de seus próprios benefícios.
- *Participação.* A Igreja é uma *communio fraternitatis*, constituída sobre um vínculo de fraternidade. "Assim, irmãos, vemos que cada membro, em sua competência, realiza sua própria tarefa. [...] As funções são distintas, mas a saúde é única. Nos membros de Cristo, a caridade é o mesmo que a saúde nos membros do corpo" (Santo Agostinho, *Sermão* 162 A, 5-6). Frades, freiras e leigos podemos e devemos estar mais inter-relacionados, colaborar mais como exigência do nosso carisma. Por exemplo, em temas como a formação, o apostolado e a informação.
- *Missão.* A Igreja, peregrina no mundo, está a serviço do homem como tal, não se entregando simplesmente a uma ação de censura ou condenação, nem apoiando-se em uma dialética de oposição, mas comunicando, testemunhando o Evangelho, sem se limitar ao círculo restrito dos que estão dentro. Neste contexto, tem valor a definição que Agostinho dá da Igreja, que só pode ser "católica", a ponto de que, sem essa propriedade, ela não existe e muito menos pode ser definida como Igreja de Cristo. Para Agostinho, a ideia da Igreja como comunidade é inclusiva e não excludente.

4.2. Os agostinianos

Os agostinianos, em qualquer uma das ordens que compõem a grande família agostiniana (O.S.A., O.A.R., O.A.D., etc.), assumem a herança espiritual do bispo de Hipona, com quem se identificam, mas a partir da sua própria realidade dentro das ordens mendicantes criadas na Baixa Idade Média. Isso é percebido, sobretudo, nas estruturas e no estilo de governo, claramente sinodais. Por exemplo, ao contrário das ordens monásticas, as casas dos mendicantes não são chamadas, em princípio, de mosteiros, mas de conventos (do latim *convernire*, reunir-se); os membros da Ordem não são chamados de senhor (*dominus*, senhor), mas de frade (*frater*, irmão); a autoridade não é um abade (*abbas*, pai) vitalício, mas um prior, primeiro entre os iguais, com um mandato sempre temporário; a estrutura suprema de governo é constituída pelos capítulos (locais, provinciais e gerais), que são celebrados periodicamente com a participação direta ou indireta dos frades; não se professa para um lugar determinado (estabilidade), mas para toda a Ordem (disponibilidade e itinerância).

Trata-se, simplesmente, de viver o carisma agostiniano, superando o perigo de assumir outras espiritualidades excelentes e meritórias, mas que diferem do nosso carisma. Antes de qualquer “sobrenome” (O.S.A., O.A.R., O.A.D.), somos agostinianos, não beneditinos, nem padres seculares, nem membros de movimentos leigos. Somos chamados a conhecer, amar e testemunhar o dom que o Espírito suscitou em nós para o bem da Igreja, o carisma agostiniano.

Um caso particular é o ramo contemplativo feminino, cujos mosteiros são um pulmão espiritual e orante, cuja tarefa e testemunho agradecemos profundamente ao Senhor pela riqueza que representam. Em todo caso, a vida contemplativa “sempre representou na Igreja e para a Igreja o coração orante, guardião da gratuidade e da rica fecundidade apostólica, e tem sido testemunho visível de uma santidade misteriosa e multiforme” (Francisco, Constituição apostólica *Vultum Dei quaerere*, 5). Ela se insere no mundo como semente de esperança.

4.3. Modelo de sinodalidade

As ordens agostinianas devem ser modelos de sinodalidade para a Igreja, pela herança espiritual de Santo Agostinho; pela realidade da Ordem; pela sua dimensão eclesial. Quero agradecer o trabalho realizado por tantos irmãos e irmãs neste sentido.

5. Recuperar a vanguarda da Igreja

A reforma é entendida como recuperar a forma inicial (re-formare), considerar as origens não como um olhar nostálgico, mas como uma experiência a partir das raízes, a partir do que somos.

Viver nossas raízes não significa reduzir-nos ao que sempre foi, nem repeti-lo cansativamente da mesma maneira, deixando-nos levar pelas seguranças materiais ou estruturais e pelos horizontes limitados. A fidelidade leva-nos a pensar em grande, a abrir-nos à novidade e à mudança, à força do Espírito, que um dia nos fez sair da nossa terra e da nossa família para nos levar a outra realidade (cf. Gn 12,1), e assim testemunhar na vida e no cotidiano o que “nem os olhos viram, nem os ouvidos

ouviram, nem o homem pode pensar o que Deus preparou para aqueles que o amam” (I Cor 2,9). É bom recordar a história da própria vocação. Quatro desafios.

5.1. Desafio cristológico:

Na resposta vocacional, escolhemos a disponibilidade total para nos deixarmos formar e guiar pela Verdade, que não é uma ideia, mas uma pessoa que nos conhece, nos chama e nos acompanha, e a quem assumimos como referência primordial da nossa existência. É imprescindível:

- Recuperar a centralidade de Cristo e a experiência de Cristo, não como intenção, mas como realidade.
- Potenciar a dimensão espiritual (não espiritualista), mas encarnada, feita história, como o Verbo. Não se trata apenas de formas, mas de conteúdo, de experiência, de comunhão.
- Recuperar toda a eclesiologia agostiniana do Cristo Total e suas implicações.

5.2. Desafio eclesiológico

Sentire cum Ecclesia. Não podemos nos isolar, permanecer à margem, pensando que não precisamos de nada nem de ninguém. Na linha do que foi vivido no processo sinodal, proponho potenciar:

- A relação intercircunscricional, entre as diferentes estruturas da Ordem dos Agostinianos Recoletos. Trabalhar mais “em rede”.
- A inserção na pastoral diocesana e nas estruturas de governo das dioceses. Também no que se refere à relação intercongregacional. Enriquecer e enriquecer-se: os carismas estão a serviço da Igreja.
- O sentido agostiniano e da Ordem: colaboração com os outros membros da sua Ordem dos Agostinianos Recoletos (freiras e leigos) e com a família agostiniana. Quão belo seria se soubéssemos exercer uma liderança mais clara na Igreja, ou seja, expressar uma voz agostiniana sobre os grandes temas, por exemplo, a paz.

5.3. Desafio evangelizador

No que diz respeito à vida consagrada, devemos ter em conta dois aspectos importantes.

- Não esqueçamos que o primeiro apostolado do consagrado é o testemunho de sua consagração como vida inteiramente dedicada a Deus, antes mesmo das ações apostólicas concretas. Não é aceitável a perda do carisma com a desculpa do apostolado. Evangelizamos a partir do que somos.
- O apostolado é resposta às necessidades da Igreja. Por isso, a missão nos pede “abrir nossa mente e nossos corações a novas manifestações do Espírito, para

descobrir como o chamado e os desafios do Espírito nos impulsionam a ir além de nossas ideias ou noções preconcebidas, além de nossos preconceitos. [...] Hoje, Cristo nos envia mais uma vez, como fez com os 72, para continuar sua missão, sem levar em conta o custo, para dar nossas vidas totalmente por causa do Reino" (R.F. Prevost, *Homilia na Eucaristia de encerramento do Capítulo Geral Intermediário*, Manila, 30 de setembro de 2010). A vida religiosa agostiniana deve estar sempre em saída e recuperar uma posição de vanguarda, também no que se refere à missão.

5.4. Desafio estrutural

- *Participação.* A vida religiosa agostiniana é participativa e corresponsável em sua essência. Daí:
 - A centralidade dos Capítulos e a periodicidade de sua celebração. Se eles se tornam um peso ou um trâmite mais ou menos incômodo (com expressões do tipo "não servem para nada"), isso nos indica que algo não está indo bem.
 - A necessidade de ouvir e de envolver. Por exemplo, devem existir e funcionar estruturas de participação nas paróquias. Nisso, devemos ser um modelo para a Igreja; um agostiniano clericalista e piramidal é um contra-senso: nosso estilo é inclusivo e horizontal, na linha da eclesiologia do Povo de Deus, do Corpo de Cristo e da Família de Deus.
- *Transparência, prestação de contas e avaliação.* Um tema muito importante no *Documento final* do Sínodo é o que se refere à transparência, prestação de contas e avaliação. É necessário contar com estruturas e formas de avaliação periódica do exercício das responsabilidades de todo tipo (cf. n. 100). E é necessária uma informação adequada.

6. Conclusão

"Eis que faço novas todas as coisas" (Ap 21,5). Estamos vivendo um *kairos*, uma oportunidade de graça. Como já assinalo em outra ocasião, diante do perigo do pessimismo, da tentação da rotina e das opções retrógradas, a vida consagrada se abre hoje à esperança fundamentada na força do Espírito, que nos une a Cristo e à Igreja neste momento da história. Só assim é possível o entusiasmo vocacional, o testemunho dinâmico e criativo e as opções de vanguarda. Só assim somos creíveis.

O pior que nos pode acontecer é cair no "sono do espírito", ou seja, deixar adormecer o coração, anestesiar a alma, guardar a esperança nos recantos escuros da decepção, da resignação e, às vezes, da amargura. Apesar dos limites, da aparente lentidão ou do envolvimento desigual, a semente plantada já está dando frutos. É preciso humildade e paciência. E confiar no Espírito, que faz a sua obra (cf. Francisco, *Homilia na Missa por ocasião da XXVI Jornada Mundial da Vida Consagrada*, 2 de fevereiro de 2024).

Concluo com o vibrante apelo de Leão XIV: “Meu amado predecessor, o Papa Francisco, exortou incansavelmente a todos nós a levar adiante a renovação da Igreja promovida pelo Concílio Vaticano II. Ele continua nos pedindo para superar a autorreferencialidade, ser mais pobres e ouvir os pobres, intensificar os laços de comunhão. [...] De fato, é sempre nova a busca de uma espiritualidade em que a oração, o trabalho e a alegria se entrelaçam na fidelidade aos lugares e às coisas de cada dia” (Leão XIV, *Discurso aos participantes do Capítulo Geral da Congregação Vallombrosiana da Ordem de São Bento*, 28 de junho de 2025).

+ Luis Marín de San Martín, O.S.A.